

A IMAGEM COMO CORPOREIDADE POÉTICA E POLÍTICA: DINÂMICAS COM O TEATRO IMAGEM NA EAD

Hélio Júnior Rocha de Lima

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN)

heliojunior@uern.br

Isabel Cristina Gondim Rocha

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN)

isabel20241000043@alu.uern.br

Jullya Emmanuely Ferreira Fernandes

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN)

jullyaemmanuely@alu.uern.br

Palavras-chave: Imagem. Linguagem corporal. Teatro do Oprimido. Pedagogia crítica.

1. INTRODUÇÃO

A imagem, muitas vezes reduzida à sua função representacional ou decorativa, adquire sentidos ampliados quando percebida sob perspectivas críticas e emancipadoras. Dessa forma, debruçamo-nos sobre um entendimento da imagem não apenas como representação visual, mas como linguagem, ação e possibilidade de leitura crítica do mundo.

Essa mudança de paradigma é fundamental para a compreensão da imagem como agente de sentido, ação e transformação. Ou seja, uma linguagem viva que pode intervir no mundo, corporificar discursos e suscitar processos de conscientização. Assim como também pode abrir espaço para práticas educativas e artísticas comprometidas com a formação de sujeitos capazes de interpretar, questionar e transformar suas realidades. Estamos nos referindo, portanto, a uma concepção politizada da imagem, que ultrapassa a superfície para adentrar os campos da ética, da estética e da práxis.

Para isso, buscamos estabelecer relações entre os campos da semiótica, do Teatro do Oprimido e da pedagogia crítica, propondo uma compreensão ampliada da imagem como meio de conscientização, expressão e transformação social. A partir de experiências vivenciadas no minicurso *Dinâmicas com o Teatro Imagem e o Teatro Fórum*, ministrado

no componente curricular Unidade Curricular de Extensão, do curso de Pedagogia na Educação à Distância da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN.

Este estudo baseia-se em uma abordagem qualitativa, de caráter reflexivo e descritivo, ancorada em vivências pedagógicas no âmbito. A investigação foi conduzida a partir da participação no minicurso referido acima, cuja metodologia se fundamenta nos princípios do Teatro do Oprimido, de Augusto Boal, e na epistemologia freireana.

A partir dessa experiência formativa, adotamos como procedimento metodológico a análise crítico-interpretativa das dinâmicas vivenciadas, relacionando-as com os aportes teóricos de Santaella (2012), Boal (1975) e Freire (2005). A escolha por autores que dialogam com os campos da semiótica, da pedagogia crítica e das artes cênicas busca sustentar uma compreensão ampliada da imagem como linguagem viva, dotada de potência expressiva, cognitiva e política.

2. RESULTADOS E DISCUSSÕES

A utilização da imagem na educação pode potencializar a mediação do conhecimento, contribuindo significativamente para a construção de sentidos, a ampliação da compreensão e o estímulo ao pensamento crítico. A imagem, em suas diversas formas, sejam elas ilustrações, fotografias, pinturas, infográficos, charges, mapas ou vídeos, é uma maneira de expressão e, como tal, possui sentidos, significados, intencionalidades e potências discursivas que precisam ser compreendidas no contexto pedagógico.

No contexto da pedagogia crítica, como proposto por Paulo Freire, o uso de imagens vai além do aspecto ilustrativo. Imagens podem ser problematizadas em sala de aula para revelar ideologias, narrativas de poder, estereótipos e opressões sociais. Ao ler uma imagem, o estudante é convidado a interpretar, questionar e dialogar com o mundo que ela apresenta. Como dizia Freire (1989), é preciso ler o mundo antes da palavra, e a imagem pode auxiliar nesse processo.

Partindo da concepção de leitura de mundo, compreende-se que os sujeitos constroem sentidos a partir de suas vivências, percepções e relações com a realidade. Nesse processo, a imagem se apresenta como linguagem que também carrega e comunica sentidos. Para Santaella (2012), a imagem é, de fato, uma linguagem, mas uma linguagem cujo significado não é fixo, pois se constrói na relação entre o signo e o intérprete, ou

seja, o sujeito que vê, sente e interpreta. Assim, a imagem torna-se não apenas um suporte estético ou ilustrativo, mas um meio de expressão, capaz de provocar reflexão, deslocamento e até ruptura de paradigmas.

No campo do teatro, Augusto Boal (1975) ressignifica a imagem ao propô-la como corpo em ação. Por meio do *Teatro Imagem*, uma das técnicas do Teatro do Oprimido, o corpo humano é utilizado para construir imagens vivas que denunciam opressões e injustiças sociais. Essas imagens, formadas por corpos imóveis em cena, não visam apenas representar uma situação, mas instigar o espectador a interpretá-la, questioná-la e transformá-la.

A imagem, aqui, é política. Ela revela estruturas de poder, silêncios sociais e desigualdades, convocando os sujeitos à ação. O espectador torna-se *espect-ator*, co-criador do processo artístico e educativo. A imagem deixa de ser contemplativa para tornar-se provocativa, dialógica e revolucionária.

Articulando esses dois dispositivos: a imagem e o *Teatro Imagem*, o minicurso *Dinâmicas com o Teatro Imagem e o Teatro Fórum*, ministrado no componente curricular Unidade Curricular de Extensão, do curso de Pedagogia (EaD/UERN), no dia 27 de fevereiro de 2025, oportunizou experiências formativas, tanto no aspecto pedagógico quanto humano, ao propor uma abordagem dialógica e sensível das realidades vividas pelos sujeitos.

A atividade teve como ponto de partida a construção de imagens corporais pelos participantes, problematizando situações do cotidiano marcadas por tensões, opressões ou conflitos. Em vez de uma dramatização tradicional com falas e personagens definidos, o foco esteve na expressão corporal e no uso do silêncio como potência de linguagem. Cada imagem proposta foi compartilhada no grupo, debatida coletivamente, permitindo interpretações plurais e ressignificações a partir da leitura crítica dos participantes.

Além das discussões acerca do conteúdo, foi solicitado aos participantes que produzissem imagens que, para eles, significassem opressão, no sentido amplo da palavra. Dentre elas, obtivemos imagens que representavam proteções ao rosto e corpo, olhos entristecidos, faces cobertas, mãos interrompendo a fala, entre outras. Pedimos também que cada um falasse sobre o que a imagem dos colegas causou em si, além de contar sua própria versão sobre a imagem criada.

Essa metodologia evidenciou a importância da leitura do mundo proposta por Freire como passo anterior à leitura da palavra. Em sua pedagogia, a imagem é instrumento de problematização da realidade. Em seu método de alfabetização, por exemplo, as imagens não são meros recursos ilustrativos, mas pontos de partida para a construção do pensamento crítico.

A imagem, então, é uma mediação que possibilita ao educando perceber-se como sujeito histórico e social, inserido em contextos marcados por relações de dominação. Nesse sentido, ela pode ser um gatilho para a conscientização e para a ação transformadora.

Partindo dessa premissa, as imagens corporais criadas pelos participantes funcionaram como textos vivos, que evocavam memórias, sentimentos e reflexões sobre a realidade concreta dos sujeitos. Através das discussões, foi possível identificar não apenas os desafios enfrentados diariamente, mas também os gestos de resistência, solidariedade e esperança.

Além disso, o uso do corpo como instrumento de expressão e análise trouxe uma dimensão de escuta sensível e empatia entre os participantes. O ambiente formativo foi marcado por respeito, escuta ativa e construção coletiva do conhecimento, reforçando o compromisso da universidade com uma educação emancipadora, crítica e transformadora. A imagem corporal, nesses termos, não é neutra. Ela pode alienar, mas também pode libertar. Quando colocada em um processo dialógico, participativo e crítico, torna-se instrumento de emancipação.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dessa forma, tomando como ponto de partida as discussões apresentadas até aqui, compreendemos a imagem como provocação e não apenas como representação, uma vez que, por meio dela, é possível ampliar as possibilidades pedagógicas e emancipatórias no campo da educação. Ao ser utilizada de maneira crítica e criativa, a imagem torna-se um instrumento de diálogo, expressão e conscientização, potencializando processos formativos que visam não apenas ao acúmulo de informações, mas à transformação da realidade.

Educar com imagens, portanto, é afirmar uma pedagogia comprometida com a liberdade, com a escuta e com a construção coletiva de sentidos, princípios que se alinham

às bases de uma educação verdadeiramente democrática e humanizadora. Em contextos educativos, artísticos e sociais, a imagem pode ser pensada não apenas como representação do mundo, mas como provocação que leva à sua transformação. Nesse sentido, educar com imagens é, também, educar para a liberdade.

Em síntese, o minicurso contribuiu significativamente para nossa formação como futuros(as) educadores(as) comprometidos(as) com as lutas em prol de uma educação política e de qualidade, ao proporcionar uma experiência prática de como a arte, especialmente o uso da imagem e das dinâmicas teatrais, pode ser uma ferramenta potente para a leitura crítica da realidade e para o exercício da práxis pedagógica freireana.

REFERÊNCIAS

BOAL, Augusto. **Teatro do Oprimido e outras poéticas políticas**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Cortez, 1989.

SANTAELLA, Lúcia. **Leitura de imagens**. São Paulo: Melhoramentos, 2012.